



Ediléia de Sá CABRAL¹

Juliana BARACAT²

RESUMO

A pesquisa teve como objetivo executar um estudo com devido embasamento teórico que pudesse justificar o conceito do senso comum, que revela que adoção é sinônimo de problema. Durante os estudos a identificação foi clara de que o que problematiza esse tipo de relação são as fantasias e angústias envolvidas nesse processo e que o conceito do senso comum se dá por conta da mídia que divulga alguns casos e a forma simplória de pensar. A importância antes da realização de uma adoção é identificar o real motivo de adotar e compreender que sentimentos inconscientes podem destruir a formação de uma nova família, sendo assim, o papel do Psicólogo se faz importante para otimização dessas relações, desde que o profissional seja capacitado a auxiliar e a família esteja receptiva ao auxílio desse profissional.

Palavras-chave: Adoção, Tabus, Fantasias.

ABSTRACT

The research aimed to perform a study with the theoretical basis that could justify the concept of common sense, which reveals that adoption is the synonymous of problem. During the studies it was clear that what problematizes this type of relationship are the fantasies and anxieties involved in this process and that the concept of common sense happens because of the media which discloses some cases and the simple-minded way of thinking. The importance before an adoption is to identify the real reason to adopt and understand that unconscious feelings can destroy the formation of a new family. Therefore, the role of the psychologist becomes important to optimize these relationships, as long as the professional is qualified to assist and the family is receptive to this professional assistance.

Keywords: Adoption, Taboos, Fantasies.

1. Introdução

Esse artigo pretende compreender as fantasias envolvidas em um processo de adoção, buscando “desmistificar” alguns mitos populares em torno desse processo, além de apontar o papel do psicólogo de base psicanalítica na otimização destas relações.

Com a decisão de adotar devidamente tomada pelo casal, inicia-se a busca pela criança ideal e posteriormente o nascimento da família adotiva e com a chegada do filho em casa, acontece o início de uma série de sentimentos conscientes e inconscientes de

¹ Discente do curso de Psicologia da FAEF- Faculdade de Ensino Superior e Formação Integral. E-mail: edileiapsic@gmail.com.

² Docente do curso de Psicologia da FAEF- Faculdade de Ensino Superior e Formação Integral. E-mail: jbaracat@hotmail.com



acordo com Levinzon (2013), pois se torna natural a comparação da criança idealizada com a criança real. No caso de uma criação mal estruturada por parte dos pais adotivos o risco dessa criança desenvolver mau comportamento é grande, nesse momento, a primeira coisa que os pais adotivos trazem a mente é a fantasia de que o indivíduo adotado desenvolveu tal comportamento por conta do “sangue ruim” dos pais biológicos. Nestes tipos de circunstâncias, se faz de extrema necessidade o auxílio de um profissional da psicologia para orientar e direcionar aos pais como proceder com essa criança de maneira a não causar prejuízos em sua vida adulta. Um indivíduo desenvolve sua personalidade a partir de elementos genéticos e experiências vividas, se os pais adotarem seus filhos movidos por sentimentos inconscientes ou conscientes mal resolvidos há uma séria tendência em deixar sequelas nesse indivíduo e a constituição dessa família adotiva se torna comprometida.

Um profissional da Psicologia pode orientar em relação ao tempo como e quando a família adotiva deve contar ao filho a verdade sobre suas origens, pois saber sua verdadeira história sozinho, ou por intermédio de outras pessoas, pode ser muito traumático. Contar sobre a adoção, deve ser um processo natural e sem pressa, porém pais e filhos devem ser preparados e a verdade deve ser dita de forma completa, sem deixar nada às escondidas e o processo deve passar por algumas etapas de forma que quando chegar a hora certa, o próprio filho já terá subsídios suficientes para receber a verdade de forma tranquila.

2. Fantasias e Angústias Envolvidas na Família Constituída pela Adoção

Quando uma família decide adotar é muito comum a questão de elaboração do filho imaginário, o perfeito, o ideal. Com a adoção propriamente dita devidamente consumada e o passar dos dias, meses e anos, acontece uma ajustamento entre esse filho imaginário e o filho real, segundo Levinzon (2013). Muitas ocorrências de comportamento desse filho, durante o processo de construção dessa família adotiva, vão sendo minuciosamente observada pelos pais que dependendo dos ocorridos iniciam um processo de frustração, uma vez que o filho imaginário era perfeito e como pode aquele



filho real, fruto de tanto investimento de esforço físico e mental poder não ser exatamente aquilo que os pais fantasiaram?

Uma fantasia muito comum observada em pais adotivos é referente ao “fantasma da hereditariedade”. Como ocorre na maioria dos processos adotivos no Brasil os pais dos indivíduos adotados não são conhecidos, sendo assim segundo a autora nesse momento se forma um buraco que passa a ser preenchido com as mais diversas fantasias. Os temores vão desde possibilidades de doenças genéticas até traços indevidos de caráter, características do “mau sangue” dos pais biológicos (LEVINZON, 2013).

De acordo com Winnicott (1982), o sentido do bem e do mal é adquirido por cada criança desde que sejam proporcionadas determinadas situações, a questão é complexa e trata do desenvolvimento desde as impulsividades à capacidade de conformação do indivíduo. Segundo CeCIF (2001), as pessoas não são repetições de seus pais, elas herdam características biológicas sim, mas que irão se desenvolver ou não de acordo com as interações desse indivíduo com o meio, pois valores não são herdados, são aprendidos.

Motta (2001), pontua que os filhos adotivos experimentam uma forte situação de conflito ao se depararem com a curiosidade de saber sobre suas origens e confrontar os pais que o acolheram. Mesmo com o consentimento da família existe ainda o medo em relação ao que entrará em contato, pois se o segredo foi guardado pela justiça, deve ser porque guarda coisas terríveis. Para Dolto (1989), dizer a verdade a criança é respeitar a sua dignidade, as crianças são perfeitamente capazes de vivenciar a sua realidade, porém que essa vivência aconteça de fato, se faz necessário opor-lhes palavras de forma que essa realidade se torne consciente e humanizável.

Levinzon (2013) afirma que alguns filhos desejam saber a verdade, já outros não, isso vai depender de diversos fatores relacionados com sua individualidade e convivência familiar, os mecanismos de defesa utilizados ao longo da vida, bem como sua resistência a dor e frustração, sendo assim, os pais devem respeitar o “timing” desse filho, de forma que busca por informações e as revelações aconteçam de forma natural.

De acordo com Levinzon (2013), conversar com o filho sobre a adoção é muito perturbador devido ao fato de que por muitas vezes isso significa para os pais tocar em



assuntos não elaborados como a infertilidade, uma experiência de abandono, temor sobre a solidez do vínculo, enfim, diversos são os fantasmas nesse momento, porém quando os pais estão bem preparados desde o início do processo de adoção, contar a verdade ao filho é um momento esperado. A autora cita ainda que os filhos podem apresentar reações adversas, mais em relação à angústia dos pais do que em relação ao assunto revelado propriamente dito. Na literatura as opiniões se dividem em relação à associação entre adoção e desenvolvimento psicopatológico, alguns estudos apontam para o risco eminente do adotivo apresentar desvio de conduta, dificuldades escolares, já outros não identificaram nenhuma diferença de score entre filhos criados por famílias biológicas e os criados por famílias adotivas. Ajuriaguerra (s.d.) ressalta que profissionais que acompanham o desenvolvimento de indivíduos adotivos na questão intelectual, observa que transcorre tudo normalmente e que o desenvolvimento vai depender de diversos fatores como incentivo que o indivíduo tem em relação à cultura, o ambiente familiar em que esse filho está se desenvolvendo, os estímulos que ele recebe da família, isso ocorre com qualquer indivíduo independente do tipo de constituição familiar que ele descenda.

Segundo Levinzon (2013), a história do indivíduo que precede a adoção, a idade em que foi adotada, a dificuldade da mãe durante a gestação, as privações físicas, a relação conturbada com os pais, o sofrimento psíquico que esse indivíduo foi submetido, tudo isso deve ser considerado como possíveis causadores de patologias, porém não existem dados que considerem o percentual de patologia da população para ser comparado com os índices das crianças adotivas. Outra questão observada em clínica que favorece a fantasia de que filho adotado é sinônimo de problema, é que os pais adotivos tem dó de dizer não por achar que o filho já sofreu demais, como dizer não a ele “coitado”? Segundo CeCIF (2001), a pena é um sentimento nocivo aos relacionamentos, dizer não a um filho com firmeza e explicando o motivo daquele não é sinônimo de educação e imposição de limites.

De acordo com o CeCif (2001), a idade de adoção não deve ser levada em conta, porque independente da idade que a família adote uma criança, essa família pode educá-la através do exemplo de uma educação digna e aprendizagem de valores que a criança



levará por toda vida, uma vez que a criança faz o processo de identificação com adultos e se os modelos que ela tiver em casa forem os melhores, assim provavelmente também serão adultos de boa índole. A revista Super Interessante, em sua edição de número 301, publicou uma matéria de autoria de Carol Castro, sobre os mitos de filhos de pais gays, levantando a questão de que os filhos precisam da figura de um pai e de uma mãe e que essas crianças podem se tornar homossexuais. Não se pode confundir função parental com orientação sexual, pai e mãe são funções e o que a criança precisa é de alguém que faça esse papel, de acordo com o estipulado por Winnicott (1983), um ambiente suficientemente bom é aquele em que os cuidadores são capazes de proporcionar segurança aos filhos mesmo diante de possíveis crises, sendo capazes de manter a estabilidade e isso não depende de orientação sexual.

3. O Papel do Psicólogo de Base Psicanalítica na Otimização das Relações Envolvidas no Processo Adotivo

O papel do Psicólogo no contexto do adotar se faz importante antes de tudo, para identificação da real motivação do adotar, independente se for adoção de bebê ou uma adoção tardia, pois o que importa é a construção de uma relação de confiança, de identificação, aceitação e isso se faz possível com uma motivação sóbria sem a ocorrência de fantasias narcísicas e a formação de um casal em que realmente ambos queiram muito esse filho (CECIF, 2001). Levinzon (2013) afirma que durante o processo de preparação para adoção, deve ser trabalhada amplamente a motivação desses pais para adoção e nesse contexto de discussão, os mesmos devem ficar cientes que adoção não é sinônimo de cura. Com o entendimento dos reais motivos que levam um casal a adoção, a carga de pressão exercida sobre essa criança ficará bem menor. O processo de adoção é um encontro de duas ou mais histórias e sempre carregadas por uma diversidade de sentimentos e vivências e para que se possa dar início a uma nova história, se faz necessário trabalhar a elaboração do luto tanto no indivíduo adotivo, quanto na família pleiteante. Para Klein (1971), luto é a capacidade que um indivíduo tem de processar o afeto em torno de uma perda, sendo esse processo iniciado desde



bebê quando a criança percebe que o seio da mãe se ausenta.

O Psicólogo deve identificar o que precisa ser enlutado, no caso da família o luto pode ser por conta da perda de um filho, no indivíduo adotivo pode ser necessários elaborar o luto em relação à família anterior ou a convivência na instituição que vivia como já citado acima, o manejo do Psicólogo deve ser eficiente para atuar no ponto certo de elaboração do luto passando pelas cinco estágios de acordo com Kübler-Ross (2005), que são: A negação, a raiva, a negociação, a depressão e por fim a aceitação, a Atenção do Psicólogo deve ser voltada para a primeira fase, pois quanto maior a negação, maior será o tempo de avançar até a aceitação, o que pode trazer vários riscos para a nova relação familiar.

Os pais biológicos ou adotivos vivem durante o processo de filiação uma variância de identificações projetivas nesse filho, sendo assim, se faz de extrema importância que os pais tenham a consciência da distinção entre a criança real e a imaginada, pois para Winnicott (2000), o processo de desilusão da criança ideal é fator de sucesso para contribuição da constituição do vínculo entre pais e filhos, permitindo um amadurecimento na relação familiar. Para Levinzon (2013), o fato de não ter laços sanguíneos entre pais e filhos adotivos, reforça a fantasia de que a vinculação é mais frágil, conforme já abordado neste trabalho. O profissional da Psicologia vai atuar na estruturação e fortalecimento de uma filiação adequada que é o grande desafio de uma família adotiva, fazer com que realmente o novo filho entre na história da família. O processo de filiação é fator de sucesso na construção dessa nova família.

Outra possibilidade que o Psicólogo deve trabalhar junto aos pais de acordo com Levinzon (2013), é a questão de aceitar a vida pregressa da criança adotiva, entendendo e respeitando seu passado, independente de suas origens e acima de tudo, pautado sempre na verdade, o psicólogo deve fazer um trabalho junto aos pais para que os mesmo possam ensinar aos filhos que com verdade e respeito é possível deixar o passado e construir uma nova história. Para Levinzon (2013), o equilíbrio emocional depende de uma série de fatores e a adoção apenas por si só não pode ser responsabilizada por problemas diversos em um relacionamento familiar. Não é possível precisar a influência genética no equilíbrio emocional, mas certamente é



possível verificar como a falta de suporte na criação influencia fortemente na construção do indivíduo.

4. Considerações Finais

Um dos objetivos propostos era analisar as fantasias e angústias envolvidas nesse delicado processo de construção de uma nova família, “desmistificando” alguns conceitos do senso comum em torno do processo de adoção. A questão principal da adoção é a da identificação dos reais motivos de adotar que quando não são bem definidos coloca em risco toda a estruturação da nova família, no caso dessa questão não ser elaborada em momento algum do processo, uma série de fantasias ocorre, transformando o que seria uma bela história em uma “bola de neve” de sentimentos intensos e mascarados por sentimentos inconscientes.

Outra questão bastante comentada é a de que esses filhos podem ser homossexuais, novamente a questão da fantasia que ultrapassa as gerações, esse tipo de comentário em pleno século XXI mostra como nossa sociedade trabalha fortemente com a questão do preconceito, com o pensamento simplório, com representações sociais.

Considero até o momento, que adotar é uma ato de amor entre uma família independente de sua configuração que queira de verdade cuidar de um filho, também independente de sua cor de pele ou de cabelo, o que fugir disso em meu ver, está envolvido em fantasias em torno da construção de uma família idealizada e quando essa idealização é deixada de lado e as partes envolvidas vivem em uma realidade pautada na verdade dos fatos entre ambas as partes, o processo se torna leve, tudo acontece com tranquilidade. Claro que essa nova família passará pelas dificuldades de qualquer família biológica, mas se esses pais estiverem psicologicamente bem preparados, as etapas vão sendo vencidas e as relações amadurecidas.

Um Psicólogo sério, realmente envolvido na causa, embasado com muito estudo científico poderá auxiliar uma adoção ser bem sucedida e bem, lembrando que vale ressaltar que um Psicólogo deve ter a compreensão de realmente pode ajudar e a família deve querer de fato compreender o processo identificando e desfazendo suas fantasias mobilizadas por sentimentos inconscientes.



5. Referências

AJURIAGUERRA, J. **Manual de psiquiatria infantil**. Rio de Janeiro: Atheneus, s.d..
BANDEIRA, R. Dados Estatísticos do Cadastro Nacional de Adoção estão disponíveis para consulta na internet.

CASTRO Carol. Quatro Mitos Sobre Filhos de Pais Gays. **Revista Super Interessante**, São Paulo, edição n. 301, Fev 2012. Disponível em:
<http://super.abril.com.br/comportamento/4-mitos-sobre-filhos-de-pais-gays>. Acesso em 19/09/2015

101 Perguntas e Respostas Sobre Adoção / Organização CeCIF. São Paulo: Organização CeCIF, 2001.

DOLTO, F. **Quando os Pais se Separam**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda, 1989.

KLEIN, M. O Sentimento de Solidão. Rio de Janeiro: Imago, 1971.

KÜBLER-ROSS, E. **Estágios de Reação à Perda**. Sobre a Morte e o Morrer. (Paulo Menezes, Trad.). São Paulo: Martins Fontes, 2005.

LEVINZON, G, K. **ADOÇÃO: Clínica Psicanalítica, 3ª. ed.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 2013.

MOTTA, M, A, P. **Mães Abandonadas**. São Paulo: Cortez Editora, 2001.

_____. Mulheres Solteiras Realizam Sonho de ser Mães por meio da Adoção. **Portal G1**. São Paulo, Março. 2010. Disponível em:
<http://g1.globo.com/Sites/Especiais/Noticias/0,,MUL1514274-17856,00-MULHERES+SOLTEIRAS+REALIZAM+SONHO+DE+FORMAR+FAMILIA+POR+MEIO+DA+ADOCACAO.html>. Acesso em 03/05/2015.

WEBER, L. N. D. Pais e Filhos por Adoção: Um Amor Conquistado. **Jornal Voz do Paraná**. Paraná, Setembro. 2002. Disponível em:
<http://www.mprs.mp.br/infancia/doutrina/id190.htm>. Acesso em 22/04/2015.

WINNICOTT, D. W. **A Criança e o seu Mundo**. 6. ed. Rio de Janeiro: LTC Editora, 1982.

_____. **O Ambiente e os Processos de Maturação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1983.



Revista Científica Eletrônica de Psicologia

24^a Edição, n° 1- MAIO/ 2015I - ISSN: 1678-300X

Sociedade Cultural Educacional de Garça

Faculdade de Ensino Superior e Formação Integral- FAEF

